

**EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS, CRIAÇÕES CURRICULARES E NARRAÇÕES
COTIDIANAS DE VIDAPESQUISAFORMAÇÃO**

AESTHETIC EXPERIMENTATIONS, CURRICULAR CREATIONS AND EVERYDAY
LIFE STORIESRESEARCHFORMATION

EXPERIMENTACIONES ESTÉTICAS, CREACIONES CURRICULARES E HISTORIAS
DE VIDA COTIDIANAINVESTIGACIÓNFORMACIÓN

Joelson de Sousa Morais¹ 0000-0003-1893-1316

¹ Universidade Federal do Maranhão – Codó, Maranhão, Brasil; joelson.morais@ufma.br

RESUMO:

O estudo em pauta se tece em um processo de dar a ver as experiências artísticas e estéticas com os cotidianos escolares, a partir da narração de histórias docentes, fruto de três pesquisas de doutorado em educação desenvolvida pelos(as) professores(as) pesquisadores(as) em diálogo com seus pares e alunos(as), durante o período da pandemia da Covid-19. Trata-se da narração de três teses produzidas em *pesquisaformaço* narrativa (auto)biográfica em educação que se compõe com artes reveladas em escritas poéticas de si e com imagens fotográficas, desenhos, pinturas, música e outros registros estéticos produzidos em diferentes *espaçostempos* escolares e da vida professoral. Os objetivos propõem-se a compreender as implicações das narrativas do cotidiano escolar na contribuição de aprendizagens e conhecimento curriculares de *vidapesquisaformaço* professoral, assim como refletir acerca da tessitura de experiências artístico-estéticas com a narração de histórias na (re)invenção de outros mundos possíveis no cotidiano docente. As pesquisas evidenciaram modos outros de aprender, saber, conhecer e produzir conhecimentos plurais, diversos e pautados na emoção, sensibilidade e dimensões artísticas e estéticas, que romperam com formas clássicas de produção de saberes, em uma perspectiva contra-hegemônica.

Palavras-chave: currículos; *pesquisaformaço* narrativa (auto)biográfica; cotidianos escolares.

ABSTRACT:

The study in question is woven into a process of revealing artistic and aesthetic experiences in everyday school life through the narration of teaching stories, the result of three doctoral studies in education developed by teacher researchers. in dialogue with their peers and students during the period of the Covid-19 pandemic. This is the narration of three theses produced in research (auto)biographical narrative formation in education that is composed of art revealed in poetic writings, of oneself and with photographic images, drawings, paintings, music and other aesthetic records produced in different school spaces and times. of teaching life. The objectives are to understand the implications of everyday school narratives in contributing to curricular learning and knowledge of life, teacher research, as well as reflecting on the fabric of artistic-aesthetic experiences with storytelling in the (re)invention of other possible worlds in the teaching routine. The narrative research presented in this text highlighted other ways of learning, knowing, knowing and producing plural, diverse knowledge based on emotion, sensitivity and artistic and aesthetic dimensions, which broke with classic forms of knowledge production, from a counter-hegemonic perspective.

Keywords: curriculum; research (auto)biographical narrative formation; school daily life.

RESUMEN:

El estudio en cuestión se entrelaza con un proceso de revelación de experiencias artísticas y estéticas en el cotidiano escolar a través de la narración de historias docentes, resultado de tres estudios de doctorado en educación desarrollados por docentes investigadores en diálogo con sus pares y estudiantes durante el período de la pandemia de Covid-19. Esta es la narración de tres tesis producidas en una investigación de formación narrativa (auto)biográfica en educación que se compone de arte revelado en escritos poéticos, de uno mismo y con imágenes fotográficas, dibujos, pinturas, música y otros registros estéticos producidos en diferentes espacios escolares y tiempos de la vida docente. Los objetivos son comprender las implicaciones de las narrativas escolares cotidianas en la contribución al aprendizaje curricular y al conocimiento de la vida, la investigación docente, así como reflexionar sobre el tejido de experiencias artístico-estéticas con la narración de cuentos en la (re)invención de otros mundos posibles en el mundo. rutina de enseñanza. La investigación narrativa presentada en este texto destacó otras formas de aprender, conocer, conocer y producir conocimiento plural, diverso, basado en la emoción, la sensibilidad y las dimensiones artísticas y estéticas, que rompieron con las formas clásicas de producción de conocimiento, desde una perspectiva contrahegemónica.

Palabras clave: currículums; investigación en la formación narrativa (auto)biográfica; vida diaria escolar.

Uma primeira reflexão para alargar a narração adiante...

Um convite ao deleite, (re)invenções de vida e outros tantos universos possíveis com as autobiografias e narrações do/com o cotidiano escolar, como potências do existir e de estar no mundo com ele, as pessoas e as afetações, como fruição na composição artística, sensível e poética: eis o que propõe este texto.

Se em uma perspectiva sensível e estética, “imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 2012, p. 221) e, portanto, “[...] a arte de narrar torna-se uma via indispensável de composição de outros modos de existência, reflexão, aprendizagem e, conseqüentemente, de produção de conhecimentos científicos” (Morais; Bragança, 2021a, p. 184), trazer as potências das narrações com o cotidiano de *vidapesquisiformação*¹, pode promover outros estados de espírito, modos de reflexividade narrativa e suscitar dimensões das experiências vividas, situando o sujeito, na interface com esses múltiplos atravessamentos, que o compõem e afetam, como campos de possibilidades.

¹ Primo por essa forma de escrita neste texto, na junção de duas ou mais palavras, com inspirações nos estudos nos/dos/com os cotidianos, com fundamentação em Nilda Alves (2003) e Inês Barbosa de Oliveira (2012). A pretensão é inventar outros tantos sentidos e significados que possam descortinar diversos horizontes de possibilidades compreensivas e interpretativas que, muitas vezes, o modo de escrita científica clássica não permite ter, e que passa a romper com perspectivas hegemônicas de produção do saber. Do mesmo modo, a intenção se reflete com as contribuições de Inês Bragança (2018), nos usos das palavras como alegorias abertas e em tessituras que empreendem criatividade e invenções de mundos possíveis na construção de conhecimentos.

Nesse sentido, a reflexividade narrativa é “entendida como a capacidade de o sujeito operar com diversas linguagens para se constituir um si mesmo, ao tempo em que dá sentido às suas experiências, às suas aprendizagens e até mesmo reconhecer seus fracassos nessas tentativas” (Passeggi, 2021, p. 96).

Mediante o exposto, é notório salientar, então, que “os que pesquisam o cotidiano e esses acontecimentos culturais têm hoje melhor entendido que muitas são as possibilidades e os meios que podemos usar para melhor estudá-los e compreendê-los” (Alves, 2003, p. 66).

Desse modo, o possível efetua-se e se alarga na imaginação que se adensa com o pensar, o rememorar e o narrar, pelo sujeito consigo próprio, mas, sobretudo, com o outro que o atravessa e o ressignifica de mil e umas formas, agenciando outras subjetividades pela alteridade ética, solidária, democrática e emancipatória.

Subjetividade esta que significa a tessitura de si na atualização de formas de ser do sujeito, como também se transmuta em modos de estar, pensar e fazer como composições singulares, irrepitíveis e em permanente mutação no decurso da existência (Pereira, 2012).

É, assim, que tenho vivido, pensado e feito com professores(as) no cotidiano escolar e com estudantes dos cursos de licenciaturas na docência universitária, a propósito de processos didáticos e metodológicos com os usos de histórias de vida e narrativas (auto)biográficas em suas diversas formas e tipos, nas quais, tanto eu, quanto os sujeitos produzimos a existência, a aprendizagem e a narração tomando forma, transformando-se e reinventando-se nessas dinâmicas.

Nesse sentido, dois conceitos merecem destaque no presente texto, os quais irão compor toda a produção do conhecimento: o de narrativas (auto)biográficas e o de histórias de vida. O primeiro, “a narrativa é um gênero do discurso, no qual se materializam as experiências vividas pelo sujeito, mediadas pela reflexividade (auto)biográfica sobre os percursos trilhados no decurso de sua existencialidade” (Morais; Bragança, 2021b, p. 226-227). O segundo reflete que “as histórias de vida envolvem, portanto, a ação propositiva dos sujeitos, um trabalho laborioso de pavimentação do passado, na construção dos múltiplos sentidos do presente e do futuro” (Bragança, 2012, p. 49).

E é, por esse dinamismo, que busco refletir, neste texto, sobre possibilidades outras de tessituras políticas, estéticas e curriculares que as narrativas podem descortinar e produzir como capacidade inventiva e engenhosa de mundos possíveis com a narração de histórias dos sujeitos que fazem parte dos processos formativos com os quais se enredam e se entranham em múltiplos *espaçostempos* da existência.

Para adensar as reflexões presentes neste escrito e realizar um mergulho de modo a lhe compor, me referencio ao entrelaçamento de três correntes de pensamento, as quais me acompanham, ao longo da minha vida, estudos, formação e profissionalização, em uma temporalidade que vem se tecendo, há pouco mais de uma década, aliando os estudos nos/dos/com os cotidianos, a pesquisa narrativa (auto)biográfica e os estudos curriculares.

Os(as) autores(as) que me acompanham na tessitura teórica e epistemológica deste estudo, e que entrelaçam discussões no campo das narrativas, currículo e cotidiano com focalizações nas experimentações estéticas e artísticas no cotidiano escolar, são: Marie-Christine Josso, Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Inês Bragança, Elizeu Clementino de Souza, Conceição Passeggi, Michel de Certeau, Nilda Alves, Inês Barbosa de Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço, Marcos Villela Pereira e outros(as).

Para acalorar um pouco mais as reflexões propostas neste texto, lanço a seguinte provocação: como tecer currículos nas experimentações artísticas e estéticas no/do cotidiano escolar com o uso de narrativas de *vidapesquisaformação*?

A provocação feita por Ferraço (2021) parece ser bem elucidativa, ao representar as intenções deste texto, e que, também, adoto no âmbito de uma *pesquisaformação* que privilegia o cotidiano escolar, como potência de criações curriculares, saberes e outros modos de vida e existência. Assim, convém citá-lo, ao questionar: [...] “‘Como nos tornamos o que somos?’, até porque somos, diuturnamente, agenciados por descontínuos e diferentes processos de subjetivação que nos constituem, a cada momento, algo diferente do que éramos antes” (Ferraço, 2021, p. 3).

Propõem-se, como objetivos, neste artigo: compreender as implicações das narrativas do cotidiano escolar na contribuição de aprendizagens e conhecimentos curriculares de *vidapesquisaformação* professoral, assim como refletir acerca da tessitura de experiências artísticas e estéticas com a narração de histórias na (re)invenção de outros mundos possíveis no cotidiano docente.

Cabe elucidar, que “a atitude estética é uma atitude desinteressada, é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento ‘em si’, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento” (Pereira, 2012, p. 186).

Além das abordagens iniciais propostas nesta parte, o texto faz três movimentos: o primeiro busca situar as contribuições dos estudos curriculares na tessitura de aprendizagens e conhecimentos com as narrativas do/com o cotidiano escolar, fruto da relação alteritária tecida

entre docente e discente. O segundo movimento provoca reflexões acerca das experiências estéticas e artísticas da narração de histórias na formação e na prática docente. E, no terceiro, são feitas algumas considerações como aprendizados e lições que ficam da experiência de *vidapesquisaformação* com as narrativas (auto)biográficas que o estudo permitiu construir e como aberturas que se permitem a novos horizontes e perspectivas a se lançar.

Vidapesquisaformação na abordagem narrativa (auto)biográfica e cotidiano escolar

A proposição desta parte do texto é uma reflexão que situa alguns conceitos e concepções sobre a abordagem narrativa (auto)biográfica, a *pesquisaformação* e o cotidiano escolar, e como se entrelaçam essas dimensões nas tessituras curriculares, artístico-estéticas, políticas e de outros enredamentos que agenciam mundos possíveis pela narração.

Nesse sentido, o diferencial da pesquisa (auto)biográfica em educação, em relação a outros modos de pesquisa se reflete pelo seu poder de “[...] contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela” (Souza, 2023, p.4).

O sujeito, portanto, reflete sobre si mesmo, passando a ressignificar seus modos de percepção acerca de si, do que fez e do que poderá vir a ser, pensar, fazer em uma multiplicidade de encadeamentos que vão manifestar e expressar-se pelo processo de narração. A pesquisa (auto)biográfica se tece, portanto, em uma tomada de consciência que acontece mediatizada pelo ato de narração de histórias de vida dos sujeitos, os quais passam a teorizar sobre si, criando possibilidades de mudanças no curso da vida, formação, aprendizagem e profissão, entre outras dimensões que se entrelaçam no sujeito.

É bem um processo de construção de uma reflexividade narrativa, o qual vai defender Paul Ricoeur (2014), quando o sujeito enuncia, pela linguagem, um eu que fala de si para o outro em relações de alteridade durante o processo de narrativização da identidade pessoal, e que possibilita modos outros de se perceber, e se transformar nesse movimento, construindo uma historicidade no tempo. Aspecto esse, também, percebido por Passeggi (2021), ao propor uma discussão, nesse contexto, como práticas de reflexividade narrativa que tem seu poder de formação, transformação e emancipação de consciências; e que dialoga com Josso (2010), ao situar a compreensão das escolhas conscientes de que faz o sujeito, no processo de formação, modificando-se e o levando em direção as outras escolhas e orientações que incidem em si e nos seus percursos trilhados ou a desbravar.

São modos de se perceber pela narração de histórias cotidianas vividas em que o sujeito enxerga outros tantos de si em diferentes temporalidades de sua existência e vai galgando possibilidades diversas de um vir a ser, bem como de aprender, conhecer e se auto(trans)formar em que reside a potencial contribuição das abordagens narrativas e (auto)biográficas e que é inestimável na pesquisa científica, vida e profissão.

A pesquisa narrativa (auto)biográfica, portanto, trata-se de um processo em que “nesse ato de linguagem, a pessoa que narra, reconstitui uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida” (Passeggi, 2021, p. 94).

Nas pesquisas narrativas, não se trata apenas, e tão somente de um expor a si mesmo, no plano de uma escalada subjetiva, de vida pessoal, psicológica, linguística ou de outras dimensões, mas implica formação, práticas de subjetivação e conscientização que leva à transformação. Portanto, exige organização, rigor e a construção de um modo científico, pedagógico, formativo e de outras instâncias que se tecem nesse movimento. Trata-se de “uma *pesquisaformação* outra que não abre mão da rigorosidade metódica, da consciência, mas que segue (re)inventando modos de *viverpesquisarformar*” (Bragança, 2018, p. 76).

Tal reflexão é, também, corroborada com Souza (2023), ao discutir essa abordagem de pesquisa na tessitura do conhecimento científico, o qual se destaca entre outros modos de pesquisa e que vem se ampliando, consideravelmente, nas últimas quatro décadas em uma diversidade de estudos nos campos do saber. Conforme pontua o autor:

Não se trata, portanto, de uma atitude esporádica e meramente circunstancial, mas de uma dimensão constitutiva dos processos de individuação e de socialização, estreitamente, relacionados às condições sociais nas quais os indivíduos se biografam e produzem, narrativamente, formas de existência para eles próprios e para o outro (Souza, 2023, p. 5).

No que pese ao cotidiano escolar, primando, neste estudo, principalmente, pela escola pública, na qual se tece uma pluralidade de experiências educativas e pedagógicas que somente, nesse contexto, é possível enfrentar, viver e produzir, muitos modos de ir tecendo, subjetivamente, a docência e o ser criança, aluno(a) e professor(a), vai se erigindo, como um vir a ser que vai se modificando, ao longo das temporalidades diversas e acontecimentos, que atravessam esse cotidiano.

Do mesmo modo, uma diversidade de saberes, conhecimentos e experiências instituintes são produzidos, para além de currículos oficiais e que revelam a potência e a riqueza desse cotidiano que alimenta não somente esperanças de dias melhores entre os praticantes do

cotidiano (Certeau, 2012), como também mostra o quão significativos são os modos de aprendizagens, diferenças e currículos outros que podem emergir na cultura escolar e fruto do que empreendem os sujeitos, nesse e em outros contextos, em diálogos plurais e permanentes.

E como as experiências instituintes de formação docente convivem, ao mesmo tempo, com as instituídas, cabe elucidar que as mesmas se tecem em processos de “pesquisar seus impulsos criadores de uma forma civilizatória, onde convivam múltiplas culturas, outros processos educativos e outras modalidades de escola, reforçadoras da autonomia institucional e pessoal” (Linhares, 2007, p. 149)

O que busco pensar, neste texto, é como reconhecer as potências criativas e criadoras de currículos outros que se compõem em experiências artísticas, estéticas e sensíveis do cotidiano escolar, tomando, nesse processo, os modos de narrar o cotidiano, nos quais os sujeitos produzem “inventividade própria e que organizam em surdina o trabalho de formigas de consumo” (Certeau, 2012, p. 87-88).

Tanto quanto empreendem Alves e Oliveira (2012, p. 72), também, corroboro com o pensamento das autoras, no sentido de que “acreditamos que estudar o desenrolar da vida cotidiana, entendendo o cotidiano como uma permanente interlocução entre diferentes instâncias da *teoriapráticateoria*, é uma forma de enfrentar o desafio da compreensão e complexidade da realidade educativa”.

No cotidiano escolar, esse processo de narrar a si, o outro, o que pensa, sabe e faz o(a) professor(a), a criança ou jovem, ou outra pessoa nesse *espaçotempo* produtivo, faz toda a diferença e esses sujeitos atribuem sentidos e significados nesse movimento. Por isso, cabe situar as contribuições da *pesquisaformação* e algumas reflexões que trago dessa abordagem nas linhas que se seguem.

Uma pesquisa que se faz junto, na coletividade e na partilha permanente entre os sujeitos que compõe os cotidianos de forma afetuosa, sensível e transbordante: é o que a configura como *pesquisaformação*.

Tributária da corrente de pensamento *Histórias de vida em formação* inicializada na década de 1980 com os usos metodológicos das narrativas e histórias de vida na educação de adultos em suas diferentes formas de expressão e modos de narração, a *pesquisa-formação*² envolveu a participação de diferentes sujeitos das camadas profissionais da educação, saúde,

² Aqui, uso o termo *pesquisa-formação* separado por hífen, em respeito ao modo como escreve Marie-Chistine Josso (2010), mas que, nesta escrita, primo pela forma *pesquisaformação*, como uma palavra só, em itálico, fazendo jus a um modo outro de escrita acadêmica na inseparabilidade entre os processos de pesquisar e formar, inventariando outros sentidos na escrita, tal como propõe Inês Bragança (2018), em quem me inspiro neste texto.

contextos socioculturais com o objetivo de fazer o sujeito refletir e se formar com suas próprias experiências narrativas, tomando consciência dos percursos trilhados e guiando outros projetos de vida pela capacidade de (re)invenção que pudesse desbravar nesse processo (Josso, 2010).

Na *pesquisaformação*, os sujeitos não separam vida da pesquisa e formação, mas juntas, imbricam-se tecendo outros tantos de si como capacidade operante de uma reflexividade narrativa que transforma e emancipa consciências.

Desse modo, privilegiar o cotidiano escolar, como *espaçotempo* de criações curriculares de possíveis outros tantos saberes plurais, heterogêneos, democráticos e emancipatórios, mostra a fertilidade que as abordagens de pesquisa narrativa do tipo *pesquisaformação* é capaz de propiciar. Afinal de contas,

[...] cotidianamente, são criados conhecimentos e tecidas relações entre eles e seus sujeitos, relevantes não só para a vida cotidiana, mas para o desenvolvimento de novas práticas sociais de conhecimentos e que podem contribuir com a tessitura cotidiana da emancipação social (Oliveira, 2012, p. 53-54).

A *pesquisaformação* no cotidiano escolar é uma pesquisa que se tece do modo como o cotidiano se apresenta, com os sujeitos que fabricam os seus saberes e nas tessituras com as quais engendram pensamentos e mobilizações de correntes de forças que são entrecortadas pelos acontecimentos que pulsam, emocionam, avivam corpos, almas e espíritos, como, também, conhecimento, aprendizagem e possibilidades de formação e metamorfose.

A pesquisa narrativa (auto)biográfica no cotidiano escolar, portanto, é “[...] como um fazer emergir, de acordo com as situações, as pulsões e os desejos do sujeito, o emergir de si com o que tem, o que sabe e que mobiliza na arte de narrar” (Morais; Bragança, 2021a, p. 184). É situar o cotidiano escolar como instância de produção de mundos outros possíveis com a narração de histórias de professores(as) e estudantes, além de outros tantos agentes educacionais e demais pessoas que transitam pelos múltiplos *espaçostempos* escolares. É uma forma de descortinar o que tanto se produz com esses sujeitos e do modo como pensam, fazem e são, em função da sua realidade sociocultural e da constituição de sua subjetividade que vem se tecendo em ritmos diversos, com diferentes intensidades e de variadas formas.

Com as narrativas pensadas, produzidas e refletidas no cotidiano escolar, “este saber se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. Não tem enunciado geral e abstrato, nem lugar próprio. É uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desfiando as suas singularidades” (Certeau, 2012, p.146).

É por isso que Benjamin (2012) defendeu, de forma tão afetuosa, a narrativa, como arte

e talento em que se compõem as tramas da vida cotidiana dos sujeitos, tecidas na contação de histórias que passam de boca a boca, e criticou, veementemente, que a experiência de narrar está em vias de extinção. Com razão, fez isso há um século e, ainda hoje, a sua obra ganha cada vez mais notoriedade, uma vez que a sociedade padece dessa mazela de se munir muito mais de informações do que de conhecimentos que a narrativa poderia promover e tecer artisticamente.

Denuncia o filósofo que tais fatos pelos quais a sociedade vem primando, de informar e não de formar pela narrativa, impacta tão fortemente na formação de um povo e na construção de um legado que poderia ser continuado na tradição de experiências narrativamente, contrapondo-se ao tempo do capital.

Professores(as) e alunos(as) no cotidiano escolar produzem saberes e conhecimentos para si que fazem sentido, têm coerência e rompem, muitas vezes, com os saberes curriculares que buscam enquadrar os sujeitos em um modelo apriorístico, colonial e eurocêntrico, os quais são rechaçados pelos próprios comportamentos e modos de ser criança, docente e as aprendizagens e modos de saber, ser e fazer nesse contexto.

Por outro lado, penso ser fundamental a valorização de outros tantos saberes que ultrapassam as lógicas instituídas, para além dos usos do livro didático, do quadro branco, das aulas somente na sala de aula e nos espaços institucionais e dos próprios recursos apenas presentes na escola. Existe muito mais nesse contexto e em outras instâncias que podem ser (re)valorizados, percebidos e praticados.

Sou adepto da perspectiva defendida por Boaventura de Sousa Santos (2010), a propósito de uma *ecologia de saberes* que se tece em uma multidimensionalidade entre os inúmeros processos que existem na vida, cultura e sociedade, afinal de contas, há muitas e diversas formas de saber, conhecer, aprender, fazer, ser. A supremacia e dicotomia entre mente e corpo não pode mais ser concebida em um mundo que muda de forma tão veloz, com os avanços e progresso científico, tecnológico e do conhecimento e informação alcançados até o momento e que se amplifica exponencialmente. Tais impactos refletem-se, sobretudo, no campo da educação, em que a mutabilidade das ações, acontecimentos e dos sujeitos efetua-se, bem como a constituição subjetiva apresenta características inerentes a esse contexto e com os sujeitos que o fabricam, cotidianamente, de diversas formas, com diferentes intensidades e em ritmos cada vez mais acelerados.

Por isso, em termos de currículo, como tessitura de saberes e conhecimentos outros possíveis no cotidiano escolar, se faz mister confrontar as instâncias de supremacia do saber, as

quais chegam e se proliferam nos sistemas educacionais hegemonicamente, como pacotes curriculares de alto valor econômico, social, cultural e educacional, impactando, diretamente, na formação de professores(as) e na aprendizagem destes e das crianças e jovens que endossam muito mais as desigualdades, exclusões e formas de opressão, do que modos outros, deveras, significativos. Uma crítica diante dessa discussão merece atenção neste texto, a de que:

[...] currículo não se reduz a um documento prescritivo, mas sim tem a ver com a produção de um campo de experimentações efêmeras e que, portanto, são impossíveis de serem antecipadas e não se deixam capitalizar. Currículos em redes, que só são possíveis de serem pensados em suas tessituras, em suas insurgências, em seus efeitos e suas expansões, uma vez que são fugidios, imprevisíveis, heterárquicos, múltiplos, efêmeros, metamorfoseados, permanente devir que não pode ser antecipado, nem planejado, muito menos idealizado ou prescrito (Ferraço, 2021, p. 18).

Em meio a essa multiplicidade de dinamismos que se produzem nos cotidianos escolares, com os vários sujeitos que os compõem e que podem vir a participar, a narração das experiências de histórias vividas contribui para as tessituras curriculares, transmutando-se em uma diversidade de saberes, conhecimentos e modos de ser, pensar e fazer a prática pedagógica, as relações entre os sujeitos, as aprendizagens construídas, as abordagens metodológicas e didáticas, bem como a composição de poéticas, afetos e sensibilidade, entre alunos(as) e professores(as), mostrando os outros lados da vida vivida e cheia de potências que, na existência, se revelam e é possível descortinar.

São saberes, fazeres e modos de ser pessoa, professor(a), criança, sujeito que tecem uma subjetividade e produzem a si, ao outro e ao meio circundante sem capitalizar e controlar os processos formativos, muito menos sem roteirizar e controlar a vida, a aprendizagem e a formação, por meio de currículos standardizados, engessados e alguns, até, congelados que, muitas vezes, não representam o vigor e a vitalidade do sujeito em sua inteireza e complexidade pulsante e transbordante.

Reflito, portanto, na potência das pesquisas narrativas com os cotidianos escolares, como promotoras de invenções e criações emancipatórias de saberes e conhecimentos curriculares, a partir da “[...] criatividade na e da ação social que viabiliza, mesmo com todos os riscos que isso significa numa sociedade ainda tributária do desencantamento, criações e modos de estar no mundo cotidianos mais encantados, em diferentes dimensões” (Oliveira, 2023, p. 5)

É no processo de mergulhar no cotidiano e viver as suas múltiplas dimensões, formas e afetações com as quais a arte de narrar ganha coro privilegiado, como efetuação de uma

criatividade engenhosa e, potencialmente, significativa, que busco pensar as experimentações estéticas e criações curriculares cotidianas nas escolas e com os sujeitos que tecem o seu mundo, a sua *vidapesquisafomação*. Questões estas que serão mais bem discutidas na seção a seguir.

Experimentações estéticas e criações curriculares cotidianas

Ao pensar em tessitura de saberes que se compõem pelos vieses artístico e estético, é preciso compreender o que está sendo, aqui, pensado por estético e artístico. Empreendo, pois, dois movimentos para pensá-los.

O primeiro relaciona-se com a arte da narração, como talento e capacidade de produzir outros mundos possíveis na contação de histórias, bem na perspectiva do que propõe Benjamin (2012). E o segundo, diz respeito a um processo de micro-estética, como agenciamento de subjetividades, produção de diferenças e singularidades tecidas pelos sujeitos em seus múltiplos contextos e *espaçostempos* da existência, consoante as ideias de Pereira (2012). Nesse sentido,

[...] a formação para a experiência estética passa pela ampliação da capacidade perceptiva, pela dotação de certa competência nas diferentes linguagens que permitam, justamente pela familiarização que se produz, uma suspensão dos juízos explicativos, abrindo espaço para a fruição e a experiência desinteressadas, para a abertura aos efeitos que o objeto ou o acontecimento podem produzir (Pereira, 2012, p. 190).

Algumas provocações reflexivas ganham curso, neste texto, a saber: O que tem revelado as pesquisas narrativas do/no cotidiano escolar na tessitura de outros currículos possíveis e agenciamentos de *vidapesquisafomação*? Que experimentações artísticas e estéticas vêm sendo produzidas nos cotidianos escolares?

Para responder a esses questionamentos, apresento três estudos que foram produzidos no nível de teses de Doutorado em Educação de professores(as) pesquisadores(as) narradores(as) de diferentes estados brasileiros e instituições (Emilião; 2022; Dalmondes, 2022; Morais, 2022).

Pesquisas essas desenvolvidas nos cotidianos das escolas públicas que buscaram valorizar as tessituras curriculares pensadas e produzidas pelos seus próprios autores(as), que são os(as) protagonistas das suas próprias histórias de si e do outro, professores(as) da Educação Básica que, em suas inventividades, revelaram um conjunto de saberes, conhecimentos e experiências, potencialmente, significativas nas suas formações pessoal, acadêmica e sociocultural e nas aprendizagem que teceram de si e dos demais sujeitos envolvidos no processo de escolarização, muitos dos quais foram alunos(as) e outras pessoas com as quais se

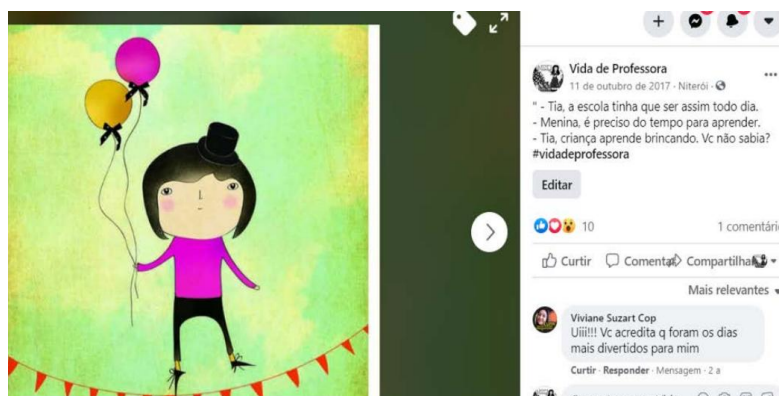
relacionaram.

O que faço, neste escrito, é um processo de interpretação e compreensão hermenêutica, bem aos princípios de Ricoeur (2019, p.56-57), pelo estudo das três pesquisas feitas, com o sentido de que “é este alargamento do nosso horizonte de existência que nos permite falar das referências descortinadas pelo texto ou do mundo aberto pelas experiências referenciais da maior parte dos textos”.

A pesquisa desenvolvida por Emilião (2022)³ primou pelo uso de imagens e narrativas produzidas em uma página da rede social do *facebook* da autora, tematizada “*Vida de professora*”, a qual reflete os modos de viver, ser e constituir-se professora em diálogos com outros(as) docentes e crianças de escolas periféricas⁴ do Rio de Janeiro, situando o cotidiano escolar vivido e experienciado, no qual atua, em suas múltiplas formas de produção de saberes e currículos pensados e criados por esses sujeitos.

Em um dos registros feitos pela docente, expresso na *figura 1 – Vida de professora, que é do Facebook da professora Soymara Emilião (Figura 33 do texto da tese)*, é possível notar a sua capacidade inventiva e criadora de trazer um conjunto de reflexões e experiências formadoras que podem ser descortinadas na contação de histórias que tece em sua rede social e compartilhou na sua tese. Trata-se de uma invenção que produziu em seu *Facebook* com imagens e narrativas, refletindo sobre esse processo, conforme mostra, a seguir:

Figura 1 – Vida de professora – *Facebook* da profa. Soyama Emilião (Figura 33 no texto da tese)



Fonte: Emilião (2022, p. 44)

³ A tese de Doutorado em Educação de Soymara Vieira Emilião foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), entre os anos de 2019 a 2022, sob orientação da Profa. Dra. Alexandra Garcia e teve como título: *Vida de professora: currículos como romance em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro*, defendida em 03/maio/2022. Está disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18203>.

⁴ Termo usado pela autora contrário ao uso de centro ou periférico que é uma construção social forjada nas relações de poder. Assim, tal uso acaba por romper com a demarcação de território, para além das relações socioculturais situadas e que melhor configuram as dinâmicas que se tecem, cotidianamente, entre os sujeitos e as instituições.

A imagem acima mostra o diálogo tecido pela professora com uma criança no cotidiano escolar e narrado pela docente em sua rede social do *Facebook*, ladeado com uma figura de criança ilustrativa. Além do mais, é possível identificar narrativas que são tecidas por outras pessoas, em que faz comentários, fruto do que sentiu e percebeu acerca do ocorrido.

Com base na imagem e discussão feita, a autora pratica uma reflexividade narrativa, na qual se propõe a pensar outros saberes e modos de composição da infância no cotidiano escolar que mostra, para si, o que pensa a criança, e como esta consegue provocar a docente no processo de tessituras de conhecimentos outros possíveis, que rompem com os clássicos currículos standardizados e, assim, tecem processos significativos de aprendizagens e formação.

Cabe trazer uma potência revelada em sua narrativa *verbovisual*, na qual se compõem outros modos de conhecer, saber, ser, fazer a si, a prática pedagógica e as relações estabelecidas com seus pares e alunos(as) no cotidiano escolar, enfim, a tessitura da subjetividade docente em sua complexidade e múltiplos processos da vida vivida na pandemia, conforme salienta:

[...] as narrativas *verbovisuais* da Vida de Professora me reafirmavam como sujeito da experiência (Larrosa, 2015), me transformando em outras durante a escrita. Por isso, não podia confinar a potência do vivido em mim mesma, nem retirar a possibilidade de transfazer através da *ação reflexão* em modo de palavra. Assim, na tessitura da linguagem estética, da afetividade e das imagens, apresentando uma bricolagem de possibilidades de entender-me como professora, me aventurei a apontar como válidas, outras maneiras de ser-viver a docência (Emilião, 2022, p. 45)

Constituído de um conjunto de imagens e narrativas *verbovisuais*, é válido ressaltar que o trabalho realizado por Emilião (2022) compõe-se de uma infinidade de tipos diferentes de imagens fotográficas, de artes plásticas e visuais, de filmes, trechos de músicas, desenhos, pinturas, entre outros, diversos. O que representa a sua riqueza, potência e uma verdadeira composição artística e estética que se tece com o cotidiano escolar, mostrando, assim, outros tipos de saberes e conhecimentos curriculares que são possíveis de se construir no contexto da própria vida, formação e aprendizagem profissional da/na docência em diálogo com os muitos sujeitos que a compõem e os deslocamentos gerados em diversos *espaçostempos* da existência.

Face ao exposto, convém corroborar com a reflexão de que “a produção de sentidos que caracteriza a experiência estética é efeito do entrelaçamento, do arranjo que o sujeito faz com o objeto ou com o acontecimento de maneira rigorosa, ou seja, levadas em consideração as possibilidades de compreensão que a experiência torna viáveis” (Pereira, 2012, p. 191).

Em vista dessa discussão, penso que a autora constrói uma experiência afetuosa e

emocional, narrativa e estética, modificando-se e aprendendo com outras tantas revelações que o narrar cotidiano promove, desvelando outros tantos conhecimentos pela atividade de contar. Trata-se de uma composição artística, como salienta Walter Benjamin (2018) em *A arte de contar histórias*, obra, na qual, o autor provoca a pensar que “contar histórias, na verdade, não é apenas uma arte, é muito mais uma dignidade, se é que não é, como no Oriente, um ofício. Contar termina em uma sabedoria, assim como por outro lado a sabedoria muitas vezes se revela numa narrativa” (Benjamin, 2018, p. 62).

E é nessa arte de contar histórias pelas narrativas de formação, da qual emerge o imprevisível, inusitado e muitos saberes curriculares formativos, amalgamando-se com a pluralidade que o cotidiano pode descortinar com os diferentes sujeitos que o habitam e se revelam nas *táticas dos praticantes do cotidiano* (Certeau, 2012), que (re)inventam-se e criam outros tantos modos possíveis de aprendizagens, conhecimentos e experiências, no coletivo, fortalecendo-se nesse processo.

No estudo desenvolvido por Delmondes (2022)⁵, materializado em quinze encontros de formação curricular com professores(as) na rede pública municipal de Guarapari (ES), a autora tece um trabalho criativo, munindo-se de escritas poéticas, que ela chama de *escrevinhações-curriculantes*, como, também, usa imagens diversas de si, do outro, e de si com o outro, de movimentos político-pedagógicos trilhados por professores(as); de encontros com crianças e atividades desenvolvidas com docentes nos cotidianos escolares; de conversações realizadas com professores(as) nas redes sociais; de desenhos, pinturas e escritas variadas suas e das crianças e outras tantas artes inventivas, curriculares e formativas.

A professora pesquisadora narradora Delmondes (2022) faz uma incursão pelas suas histórias de vida com memórias, escritas poéticas e narrativas (auto)biográficas e outras tantas invenções curriculares, fazendo insurgir reflexões no campo dos cotidianos escolares, com uma profunda visão e discussão política, em que emergem, nesse movimento, os deslocamentos e descompassos que a afetaram no período pandêmico e trouxe outros inúmeros enredamentos nos múltiplos acontecimentos socioculturais, educacionais, formativos e no plano dos afetos e emoções pelas quais provocaram em si. Bem ao tipo de uma *pesquisaformação* nos princípios sobre o que considerou Josso (2010), como um voltar para si, refletir e tirar lições, aprendizados

⁵ A tese de Doutorado em Educação de Marina de Oliveira Delmondes, que teve como título: *Escrevinhações curriculantes por saraivadas po-éticas*, foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço, entre os anos de 2019 a 2022. Foi defendida em: 26/09/2022. Está disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_16762_TESE%20DE%20DOUTORADO%20Final-%20Marina%20de%20Oliveira%20Delmondes%20%281%29.pdf

e conhecimentos diversos dos/nos percursos experienciados em sua existência. Conforme pontua, buscou em seu estudo:

[...] fiar linhas povoadas de experimentações que inventaram, e continuam a inventar, outros mundos e meu corpo. Invenção de si que se dá no encontro com os cotidianos escolares e, também, com um mundo povoado, encharcado de acontecimentos-corpos-textos-escritas-poesias (Delmondes, 2022, p. 40).

Convém trazer uma narração poética, que a autora produziu em sua *vidapesquisaformação*, durante suas caminhadas na pós-graduação *stricto sensu*, em que consegue realizar um giro reflexivo sobre si e perceber a riqueza dessa caminhada, e que atesta a potência de uma criação curricular no cotidiano escolar durante os percursos trilhados.

A vida pulsa e a gente sonha
Um sonho que se atualiza
Irrompe estrada e adentra em outras vidas se tornando uma experiência outra.
A vida pulsa e se abre:
Livros, cadernos, corpos, escritas
A vida pulsa e a gente, simplesmente, flui
Fissura... rompe... violenta...
Verbos-gestos-gostos-afetos
E sente que “o mais profundo é a pele”
Uma pele que olha atenta aquele que faz da dureza de um ato
Um gesto outro de tecer um poema (Delmondes, 2022, p. 56).

Sua narração poética é constituída de afetos, emoções, pulsões e desejos que emergem nas escritas de si, revelando outros tantos saberes e conhecimentos curriculares que são inventivos e, potencialmente, significativos para vida, profissão, pesquisa e formação. É uma escrita artística, capaz de provocar outros estados de pensar, sentir e compreender a produção da ciência e do conhecimento que se dá por outras tantas expressões estéticas do vivido.

Um dos preponderantes alcances das pesquisas narrativas (auto)biográficas desenvolvidas no âmbito da metodologia da *pesquisaformação*, tecidas nos cotidianos escolares, diz respeito à sua capacidade de inventariar outros modos contra-hegemônicos de produção de saberes, conhecimentos e experiências que dão visibilidade ao que é produzido com os próprios sujeitos implicados em sua vida, formação e profissão e em outros tantos contextos, onde convive e estabelece relações. É bem na esteira do que vão defender Alves (2003), Ferrazo (2021), Oliveira (2012; 2023) e Alves e Oliveira (2012), na tessitura de conhecimentos em redes, que se fortalece no e pelo coletivo, apresentando outras tantas possibilidades de aprender, conhecer, saber e ser por onde se conectam, engalfinham-se e com as diversas pessoas com as quais estabelecem relações.

Em uma experiência das escritas de si, que representa a plasticidade e a riqueza da pesquisa narrativa com os cotidianos escolares, desenvolvida por Delmondes (2022), em seus modos outros de expressão do vivido com as escritas poéticas e todo o conjunto de elementos artísticos e estéticos que apresenta em sua tese, pode ser revelado na seguinte citação:

A poesia que atravessa esse platô aponta para um signo vital, um encontro com a arte que libera as vias de uma respiração desejável e necessária. Nessa experimentação, apontamos como um campo problemático a tessitura curricular em tempo de pandemia. Realizando uma dobra conceitual, assumimos esse tempo pandêmico como uma possível linha de fuga que forçou pensar em outros modos de pesquisar e de encontrar com os cotidianos das escolas (Delmondes, 2022, p. 35).

Foi nesse movimento de viver a experiência pandêmica, gestadas sob um contexto de incertezas da vida, formação, profissão e de outras perspectivas que emergiram de um processo de narrar a existência, na qual a autora consegue perceber e dar curso a outras formas de vida, tessitura curricular e construção de afetos, na coletividade, inventando, assim, uma estética de si com o outro no plano da alteridade.

Nos acontecimentos processados no cotidiano escolar e na própria existência do sujeito é que surgem e fazem desabrochar outras táticas do jogo da prática pedagógica, da vida, experiência, *pesquisaformação* e das tessituras curriculares, invocando e criando outros possíveis na educação, aprendizagem e formação. “[...] Nesse sentido, os currículos inventados com as escolas nos fazem questionar o que se entende por currículo, mas também nos conduz[em] a experimentar com o corpo um outro modo de escrever políticas curriculares” (Delmondes; Ferraço, 2023, p. 10).

Assim, vida, pesquisa e formação se entrelaçam, compondo outras estéticas da existência que dão outros sabores, saberes e desejos de trilhar percursos que vão atualizando e (re)inventando o sujeito, no plano da subjetividade e dos modos com que se tecem as aprendizagens e conhecimentos nos/com os cotidianos escolares e os sujeitos envolvidos nessa trama, principalmente, professores(as) e alunos(as) que estão, diretamente, envolvidos(as) com os processos educacionais, curriculares e formativos.

Quanto ao trabalho desenvolvido por Morais (2022)⁶, o autor mobilizou algumas relevantes experimentações estéticas na tessitura de outros currículos possíveis com quatro

⁶ A tese de Doutorado em Educação de Joelson de Sousa Morais, tematizada: *Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores(as) iniciantes*, foi desenvolvida junto à Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Programa de Pós-Graduação em Educação, sob orientação da Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança. Foi defendida em: 14/02/2022. Está disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977>.

professores(as) iniciantes no cotidiano escolar da cidade de Caxias-MA. Para isso, além das escritas narrativas e (auto)biográficas, histórias de vida e diários de pesquisa, o autor registrou seu estudo com o uso de imagens fotográficas de si com os outros que lhe acompanharam em sua *vidapesquisaformação*, durante o estudo, e que contribuíram, de alguma forma, além de desenhos feitos pelas participantes para compor a sua tese e usou uma estética da escrita com diferentes características ao longo do texto (com diferentes fontes, formatos e disposições no texto). Assim, acabou diferenciando as suas formas de registros no que se refere às escritas de si nos diários, as escritas narrativas dos(as) professores(as) iniciantes participantes da pesquisa, e as escritas narrativas produzidas pelo pesquisador em diálogo com os sujeitos da pesquisa.

Apresento dois exemplos, na *Figura 2 – Representações do ser professor(a) iniciante em um contexto de incertezas*, que traz conhecimentos outros possíveis na tessitura curricular em que o autor vai construindo seus saberes e modos de interpretação da *pesquisaformação* em movimento com imagens, compondo, artisticamente, o seu estudo, conforme produções feitas junto com algumas participantes da sua pesquisa, mostradas a seguir:

Figura 2 – Representações do ser professor(a) iniciante em um contexto de incertezas



Fonte: Morais (2022, p. 110)

As imagens mostram a criatividade dos sujeitos participantes da *pesquisaformação*, que buscaram pensar os processos de constituição da docência e subjetividade em incertezas da vida no período pandêmico, mas, também, refletem a formação e a profissão de professores(as) iniciantes, e assim, demonstraram estética e artisticamente como pensam nos primeiros anos da carreira docente, que vai de um a três anos no exercício do magistério.

A primeira imagem traz um espelho em que é feita a pergunta: *Quem sou como*

professora? Uma pergunta disparadora para invocar uma memória no plano da autobiografia. Seria como um voltar para si, em que o sujeito pratica uma reflexividade narrativa no contexto de uma *pesquisaformação*, “[...] a desenvolver uma compreensão biográfica do processo educativo, integrando a globalidade do ser em todas as suas dimensões de ser-no-mundo como sujeito-ator de sua formação, de suas transformações e de seu vir-a-ser” (Josso, 2010, p. 60).

E a segunda imagem apresenta uma dobradura com algumas palavras que permeiam a primeira fase da docência, com todas as suas incertezas, afetações e deslocamentos gerados, no contexto de ser professor(a) iniciante. Palavras e expressões essas que foram: “choque de realidade”; “Como”; “Incerteza”; “Recuo”; “Ansiedade”; “Sobrevivência”; “Desistência”; e, “Currículo”. Cada uma pode remeter a um conjunto de tessituras curriculares outras possíveis que, na atividade de narrar, o sujeito vai fabricando, pensando e narrando, os quais permitem a construção de variados outros tantos tipos de conhecimentos.

Além das potências desbravadas pelo autor, percebeu-se a construção de saberes e conhecimentos na tessitura curricular com outras facetas das experiências vividas e que considero de uma inestimável contribuição nas expressões e experimentações artísticas e estéticas: diz respeito ao modo de aprender e construir conhecimentos com as percepções, comportamentos e emoções, fruto da relação estabelecida com os sujeitos participantes da pesquisa. Desse modo, o autor reflete que

[...] É nesse entrelaçar de experiências que reforço a potência e enriquecimento que o presencial legítima e proporciona aos sujeitos no contexto de interações humanas e sociais que só são possíveis de concretizar pessoalmente, estando, de fato presente praticando os sentidos com cheiros, toques, visualidades, sonoridades e linguagens verbais e outras tantas diversas capazes de fazer muita diferença na constituição e transformação de si com o outro (Morais, 2022, p. 192)

Outras engenhosidades artísticas e estéticas, no plano da criatividade, desenvolvidas por Morais (2022), refletem-se pelos usos, de forma articulada, da literatura, filosofia, arte e ciência, imbricando-se na construção do seu pensamento e na organização e tessitura curricular com outras lógicas possíveis de expressividade da vida vivida, da pesquisa, aprendizagem e a formação, entre outros pontos revelados.

O que há em comum entre as três pesquisas? Atenta-se pelo fato de entremear três perspectivas, com as quais venho refletindo, neste texto, que são o entrelaçamento entre currículo, narrativas e cotidiano escolar. Do mesmo modo, outras tematizações revelaram suas aproximações e diálogos possíveis, tais como: a) as pesquisas foram produzidas durante a pandemia da Covid-19; b) o estudo envolveu a participação dos cotidianos escolares; c) as

discussões mostram as contribuições estéticas e artísticas das suas produções na tessitura curricular com outras diversidades de saberes e conhecimentos.

É possível, ainda, depreender que as pesquisas desenvolvidas por Emilião (2022), Delmondes (2022) e Morais (2022) tecem outros modos de conhecimentos, ultrapassando as lógicas hegemônicas de produção de um saber e ciência, que se tornam um alento e composição engenhosa que alimenta os processos criativos e artísticos, no cotidiano escolar, com os próprios sujeitos envolvidos nas tramas educativas e formativas que se apresentam.

Nesse sentido, tais pesquisas mostram o vigor e a vitalidade de tessituras outras curriculares possíveis de *vidapesquisaformação* que não prescindem de dimensões fundamentais na vida e existência do sujeito, quais sejam: o usos e o deleite de pensar, ser, fazer, conhecer, aprender e provocar emoções; a expressividade da arte e suas múltiplas formas de manifestação e engenhosidade; o refletir e se (trans)formar com a narração de histórias de si, do outro e com o outro; as sensibilidades, memória (auto)biográfica e registros do vivido que se transmutam no agenciamento de diferenças, subjetividades e singularidades diversas; a revelação das potências do cotidiano escolar em suas múltiplas formas e composições estéticas, formativas e curriculares, entre outras várias dimensões que ultrapassam, em muito, o que, aqui, menciono. Pois, traz riquezas e criações de mundos outros possíveis pelas criações artísticas e narrações apresentadas nos estudos.

Assim, as pesquisas ora apresentadas vão muito de encontro à tessitura de *múltiplas maneiras de fazer não ocasionais desenvolvidas pelos praticantes do cotidiano* (Certeau, 2012), e que são por demais significativas no campo da educação, formação de professores(as) e as diversas aprendizagens que possam ser desbravadas e tecidas, curricularmente, em busca da legitimação de saberes e conhecimentos democráticos, solidários e emancipatórios (Oliveira, 2012), e que caminham na direção da tessitura da emancipação cognitiva, científica, cultural e social (Santos, 2010).

As criações curriculares que emergiram nas pesquisas se teceram por um conjunto de elementos que se compuseram entre desejo, vontade e emoção, movendo corpos e espíritos e atitudes pelas experiências estéticas com as quais puderam empreender os sujeitos envolvidos e implicados com/em sua *vidapesquisaformação*. Assim,

Nunca é demais repetir que as teorizações críticas, como os próprios processos de aprendizagem, para se fazerem instituintes, estão sempre interconectados com os devires, com o fluxo das fagulhas dos começos que não podem prescindir deste revisitar dos passados, recriando-os eticamente (Linhares, 2007, p. 150).

Enfim, as pesquisas permitiram emergir uma pluralidade de conhecimentos artísticos e estéticos com os cotidianos escolares, privilegiando as narrativas e autobiografias dos(as) professores(as) pesquisadores(as) narradores(as) e suas potências criativas que romperam com o instituído, permitiram a criação de experiências instituintes e desaguaram em uma multiplicidade de modos de aprender, ser, conhecer, saber e se afetar, em coletivo e em partilha. E é sobre essas e outras lições trazidas nesse movimento entre vida, pesquisa e formação, nas quais me debruço a seguir, tecendo outras tantas reflexões, que ficam como aprendizados e ensinamentos dessa experiência.

Lições que ficam e outros horizontes por vir...

O que o respectivo estudo trouxe foi o descortinar horizontes de possibilidades outras de criações curriculares com os estudos dos cotidianos escolares que primaram pelo uso de narrativas (auto)biográficas dos(as) professores(as) pesquisadores(as) em diálogo com os sujeitos participantes das pesquisas.

As pesquisas narrativas apresentadas, neste texto, evidenciaram modos outros de aprender, saber, conhecer e produzir conhecimentos plurais, diversos e pautados na emoção, sensibilidade e dimensões artísticas e estéticas, que romperam com formas clássicas de produção de saberes, em uma perspectiva contra hegemônica e de experiências instituintes de formação docente.

Assim, pesquisar com o cotidiano escolar, munindo-se dos usos de tessituras estéticas e artísticas variadas que possam empreender os sujeitos nesse e noutros contextos, tem se configurado, como um modo privilegiado de tecer currículos para além das lógicas oficiais e prescritivas que têm suscitado no contexto das escolas públicas brasileira.

A propósito do desenvolvimento de uma *vidapesquisiformação*, a qual tenho encarado e que se revelou, também, nas pesquisas que este estudo trouxe, permite desbravar outras subjetividades, teorias e práticas curriculares, potencialmente, significativas, que reforçam e legitimam um conjunto de saberes democráticos, solidários e emancipatórios na tessitura da emancipação sociocultural do qual fazem parte os sujeitos.

Com a pesquisa, foi possível, ainda, (re)afirmar outros mundos possíveis nos processos de significação da experiência estética e artística com deleite, conhecimento e emoção, dos diferentes praticantes do cotidiano que, resistindo aos abismos e às diversas imposições curriculares, teceram uma reexistência, para além dos processos que têm buscado controlar e cercear o trabalho docente, o currículo e as vidas nas escolas.

Vida, pesquisa, profissão e formação andam juntas e é no processo de praticar uma reflexividade narrativa pelas experiências trilhadas pelos sujeitos nos cotidianos escolares e em outros tantos *espaçostempos* da existência, que é possível construir outro mundo palatável, mais democrático e com justiça social, contudo, emancipatório e transformador com e pela educação e narração de histórias cotidianas com leveza, arte, ciência, deleite e emoção.

Que estudos e pesquisas produzidos com os cotidianos escolares, somados às pesquisas narrativas e (auto)biográficas possam ser descortinados cada vez mais, buscando evidenciar as suas potências e riquezas de experiências instituintes de formação docente que, somente, na coragem de se lançar, é possível fazê-las aflorar e permitir outros referenciais estéticos, políticos, metodológicos, epistemológicos e de existências vividas, que poderão emergir nos percursos de uma jornada, quando se encarna tais dimensões, como (trans)formadoras da existência, do mundo, da educação e das coletividades que se fortalecem com a voz e a vez de cada um(a), hoje e sempre!

Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, 2003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2023.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Ensinar e aprender/“aprenderensinar”: o lugar da teoria e da prática em currículo. *In*: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Orgs.).

Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012. p. 61-73.

BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.

BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. Tradução: Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. 1.ed. São Paulo: Hedra, 2018.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em:

<https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p. 65-81.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELMONDES, Marina de Oliveira. **Escrevinhações-curriculantes por saraivadas poéticas**. 2022. 298f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_16762_TESE%20DE%20DOUTORADO%20Final-%20Marina%20de%20Oliveira%20Delmondes%20%281%29.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.

DELMONDES, Marina de Oliveira; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Por uma poética curricular com os cotidianos escolares. **Revista Espaço do Currículo** (Online), João Pessoa, v.16, n. 2, p.1-12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/67133/38096>. Acesso em: 21 out. 2023.

EMILIÃO, Soybara Vieira. **Vida de professora**: currículos como romance em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. 2022. 181f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/18203>. Acesso em: 21 out. 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Fios de memórias... Sobre possibilidades de escritas de si e invenção de mundos... **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75205, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75205/43523>. Acesso em: 22 out. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LINHARES, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 139–160, 2007. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192>. Acesso em: 01 mar. 2024.

MORAIS, Joelson de Sousa. **Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes**. 2022. 259f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977>. Acesso em: 22 out. 2023.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. A arte da narração nas invenções de si no contexto de uma *pesquisaformação*. **Revista educação e cultura contemporânea**, v. 18, n. 54, p. 182–201, 2021a. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/8907/47967858>. Acesso em: 22 out. 2023.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Encontro consigo e com o outro: tecendo subjetividades em narrativas de uma *pesquisaformação* na pandemia. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, p. 221-236, 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/20697/13492>. Acesso em: 05 abr. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et

alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Da modernidade desencantada aos reencantamentos possíveis: as criações curriculares cotidianas e seus encantamentos. **Revista Espaço do Currículo** (Online), João Pessoa, v.16, n. 2, p.1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/67235/38225>. Acesso em: 20 out. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 21 out. 2023.

PEREIRA, Marcos Vilela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/sQFMpDZ3pfqhFYjwQVmLVQL/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 22 out. 2023.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução: Ivone C. Benedetti. 1ª.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Tradução Artur Morão. Edições 70: Lisboa, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, ciência e arte: diálogos com Oliver Sacks. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.21, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/59921/41861> . Acesso em: 18 out. 2023.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Joelson de Sousa Morais. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Federal do Maranhão. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860>

Como citar

MORAIS, Joelson de Sousa. Experimentações estéticas, criações curriculares e narrações cotidianas de *vidapesquisaformação*. **Revista Espaço Currículo**, Pré-publicação/Ahead of Print (AOP), e68373, 2024.